

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, quarta-feira, 1 de outubro de 2003
 Editor: Renato Ferraz // renato.ferraz@correioweb.com.br
 Subeditora: Mayla Lurgura
 e-mail: lugares@correioweb.com.br
 tel.: 342-1141

lugares

O PARQUE NACIONAL DE TERRA RONCA, A 430KM DE BRASÍLIA, É UM DOS MAIS IMPORTANTES DESTINOS DE ECOTURISMO DO ESTADO DE GOIÁS. NELE ESTÁ GUARDADO UM COMPLEXO DE 220 CAVERNAS, MATAS INTOCADAS, RIOS E CACHOEIRAS, ONDE A NATUREZA REINA ABSOLUTA

PAULO DE ARAÚJO (TEXTO E FOTOS)
 DA EQUIPE DO CORREIO

A 430km de Brasília, no município de São Domingos, ao norte da capital, a terra faz barulhos assustadores. E por que isso acontece? "Quando se passa a cavalo por sobre a caverna, o barulho do oco da terra faz parecer que ela ronca" explica Ramiro Hilário dos Santos, 45 anos, nascido e criado na região. Mas os geólogos têm uma outra versão: a acomodação das placas tectônicas pode causar vibrações, que se confundem com um grande ronco. Seja qual for a explicação, o som que vem das entranhas da terra batizou o Parque Nacional da Terra Ronca. Criado em 1989, o parque guarda, em seus 50 mil hectares, um fabuloso sistema de cavernas, com mais de 220 grutas. E em torno dele, a Área de Proteção Ambiental (APA) da Serra Geral de

Goiás, com 60 mil hectares, cria um cinturão de preservação ambiental. Ela foi criada para controlar o uso e a ocupação do solo e conscientizar a população sobre a importância da preservação das riquezas naturais do local. A região onde estão situados o parque e a APA é considerada área de transição entre floresta amazônica, cerrado e caatinga. Daí a diversidade de formações naturais, fauna e flora. A região é rica em atrativos — como rios, cachoeiras, grutas. Ali, a natureza é absolutamente soberana. Integra o grande roteiro de ecoturismo do Brasil central e forma o corredor ecológico que liga as unidades de conservação do Distrito Federal ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.

NO VENTRE DA TERRA

DA PÁGINA 2 À 5

TERRA RONCA UM DOS GUIAS MAIS EXPERIENTES DA REGIÃO, RAMIRO DOS SANTOS FOI PRATICAMENTE CRIADO DENTRO DAS GRUTAS. HOJE NÃO CONSEGUE SE IMAGINAR VIVENDO EM OUTRA PAISAGEM

BEBÊ DAS CAVERNAS

A história de vida de Ramiro Hilário dos Santos tem as cavernas como cenário. Seus pais se casaram na Gruta de Terra Ronca. Quando começou a dar os primeiros passos, passou a ser levado para todo lado pelas mãos do pai e hoje é o mais antigo e respeitado guia da região. "Tudo o que aprendi aprendi com meu pai, que me levava junto com ele para explorar o que há aqui em volta", conta.

Agora é a vez de Ramiro conduzir centenas de visitantes, estudiosos, estudantes, pesquisadores brasileiros, franceses, ingleses, americanos. Todos interessados no tesouro que existe "no oco da terra", como ele mesmo diz.

Enquanto olha para trás, como se estivesse procurando pelas lembranças, Ramiro vai dizendo: "Desde menino fui conhecendo as grutas, não tinha outro jeito. Mas naquele momento decidi: minha estrada vai ser esta". E ser guia tem sido sua ocupação. Aliás, o povo gosta de contar que, por *precisão*, o pai de Ramiro costumava deixar o pequeno dentro de uma das crateras da grande caverna. Enquanto se ocupava de levar os turistas para dentro da gruta, o homem acreditava que o danadinho estaria em segurança ali, abraçado pelas rochas.

Aluno do sétimo semestre de Turismo de uma faculdade em Brasília, Renato Santana Tolosa, paulista de 23 anos, é um apaixonado pelas cavernas, desde que a família adquiriu terras na região — há cerca de dez anos. "Pegava uma lanterninha e ia para as cavernas. Um dia um guia foi contar para a minha mãe que eu andava entrando nas grutas" — o que é, claro, uma maluquice. "Mas aí já era tarde", lembra.

A maluquice de Renato rendeu sustos à mãe e uma atividade ao rapaz. Assim como Ramiro, Renato é guia, mas só nos fins de semana. E trabalho não falta. "Lugares como a Chapada dos Veadeiros já foram mais do que explorados e agora as pessoas que vivem em Brasília buscam alternativas. Por isso, a demanda está aumentando."

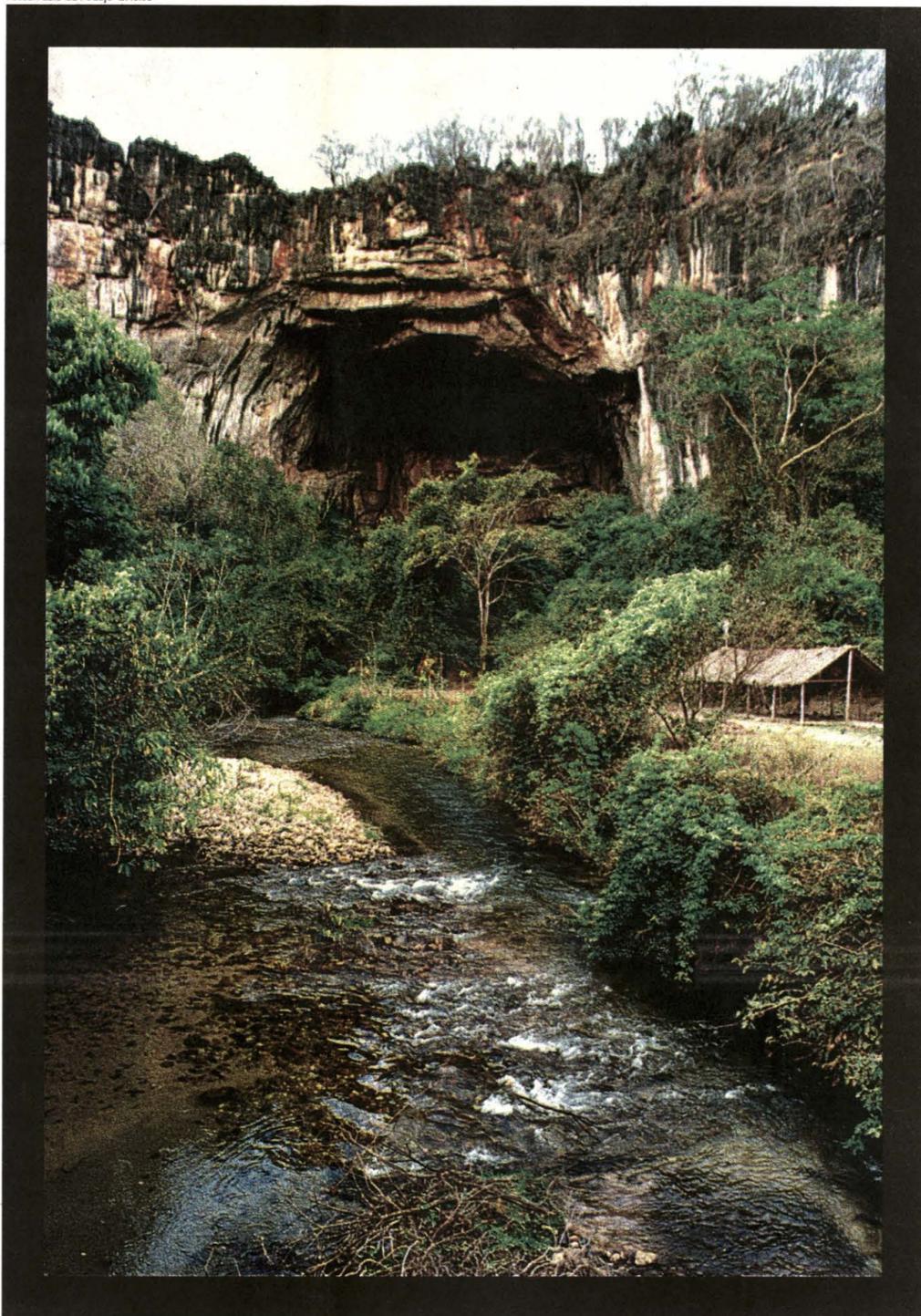
A escolha pelo turismo como formação acadêmica foi por afinidade. "Só de falar me emociona", diz Tolosa, mostrando o braço arrepiado como testemunha. "O público que vem aqui não é somente formado por jovens. Até a turma da melhor idade já descobriu Terra Ronca."

Outras "tribos" costumam frequentar o lugar: alunos de turismo, jipeiros, religiosos... Mas os que têm fé têm data marcada para aparecer: entre 28 de julho e 6 de agosto celebram Bom Jesus da Lapa, o padroeiro da região, e Nossa Senhora Aparecida. Romeiros de várias partes do Goiás, Bahia e Tocantins chegam levando terços, velas, votos e promessas. Costumam lotar as pousadas e o camping.

Sobe-e-desce

Além de Terra Ronca, as cavernas mais visitadas do complexo são Angélica, com 9km e um desnível de 124m; São Bernardo, com 6km; e a maior delas, São Mateus, com 21km. A mais perigosa é a de São Vicente, que tem várias

Fotos: Paulo de Araújo 29.8.03



A BOCA DA CAVERNA TEM 97M DE ALTURA. PARA QUEM FAZ A DESCIDA EM CORDA, O CAMINHO ATÉ O CHÃO PARECE NÃO TERMINAR

cachoeiras em seu interior. É tinoosa, exige técnica apurada de exploração. Por isso, é vetada aos turistas e reservada apenas aos espeleólogos experientes e geólogos.

Uma das modalidades esportivas praticadas em Terra Ronca é a descida e subida em corda — popularmente conhecida como *rappel*. Com os equipamentos fixados e pendurado nas cordas, os 97m da boca da gruta parecem não terminar nunca.

É impossível não sentir um frio na espinha ao chegar à beira do abismo. O rio vira um fio d'água e os companheiros parecem formigas, andando de um lado para o outro. O mais complicado, na verdade, é confiar na corda, na cadeirinha, nos equipamentos. Tudo parece frágil demais, fino demais, fraco demais. Mas a vontade de superar o desafio é maior do que qualquer medo.

Ao nos lançarmos no abismo, temos certeza de que domar a ansiedade vale a pena. A visão é absoluta. Depois dos primeiros metros de descida, a adrenalina se estabiliza e a gente pode aproveitar a paisagem. O cerrado se estendendo ao largo, o rio — que antes parecia quase inatingível — crescendo lá em baixo... E o tempo parece parar.

REGIÃO DE TERRA RONCA



RAMIRO DOS SANTOS: O CASAMENTO DOS PAIS ACONTECEU EM TERRA RONCA

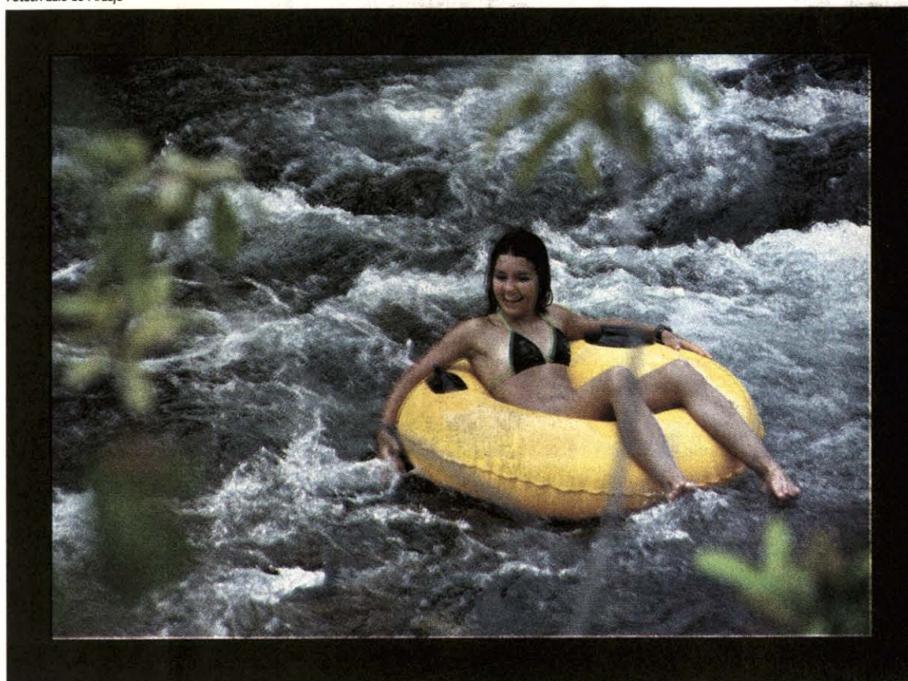


LUGARES

TERRA RONCA OS QUE PREFEREM CURTIR AS BELEZAS DO PARQUE FORA DAS GRUTAS PODEM FAZER TREKKING, CORRIDA DE ORIENTAÇÃO, BOIACROSS E RAPPEL — ATIVIDADES QUE NÃO COMPROMETEM O MEIO AMBIENTE

DO LADO DE FORA

Fotos: Paulo de Araújo



BOIACROSS NO SÃO VICENTE, APENAS UM DOS MUITOS RIOS QUE CORREM PARA DENTRO DO SISTEMA DE CAVERNAS

Fora das cavernas do complexo de Terra Ronca, não faltam atividades. Os paredões verticais da Serra Geral do Goiás propiciam espaço ideal para aprendizagem e prática de técnicas verticais, matéria em que calango nasce doutor. Mas lembre-se. Não importa qual seja a sua opção, segurança é fundamental.

Fixar pinos com perfeição e construir uma via segura são itens básicos para que a subida (ou descida) tenha sucesso. Jamais se arrisque a fazer qualquer coisa sozinho, sem o acompanhamento de gente que entende do babado. Jaime Quint Neto, instrutor de técnicas verticais ensina: "Na área externa, a idéia da preservação deve ser mantida. Mas é preciso se preocu-

par não apenas com a preservação do meio ambiente, mas também com sua própria integridade física".

E Jaime vai além: diz que tem gente que aprende a escalar paredes de academias de ginástica e imagina que está pronto para fazer o mesmo em paredões naturais. Ledo engano. "A pessoa tem que interagir com o meio. O sol exige mais do organismo dos esportistas. E o terreno pode oferecer surpresas: fendas, pontas de pedra, recuos, bichos. É preciso estar preparado e ter sangue frio para lidar com o inesperado, quando se está na natureza."

Mas nem só de rappel vive o aventureiro. Fazer trekking ou corrida de orientação provoca ótimas sensações. É como encontrar a chave para um te-



RAPPEL: INTERAÇÃO COM A NATUREZA

souro natural. A vegetação é formada por cerrado, cerradão, matas de galeria e veredas que constituem o habitat de variada fauna — espécies endêmicas e em perigo de extinção, como o lobo-guará, o tatu-canastra, o veado-campeiro, a onça-pintada, a suçuarana e a arara-azul. A diversidade biológica do parque é imensa. Já foram registradas mais de 150 espécies de aves e quase 50 de mamíferos.

O boiacross é também outra curtição. As corredeiras suaves do rio São Vicente não oferecem perigo. Ele é um dos muitos rios que fazem parte da Bacia do Paraná e correm para dentro do sistema de cavernas. Nadar ou se divertir em suas águas não compromete o delicadíssimo ecossistema do parque de Terra Ronca.

Hospedagem

● Camping do Ramiro (62) 425-1406 — Diárias variam entre R\$ 3,00 e R\$ 5,00, por pessoa. O camping é muito simples. Mas tem banheiros e chuveiro com água quente.

● Pousada Osmar Valente (62) 481-3470. Diárias variam entre R\$ 30,00 e R\$ 40,00, por pessoa, com café da manhã e uma refeição.

● Pousada São Mateus (62) 323-2324 — Diárias a partir de R\$ 35,00, por pessoa, com café da manhã e uma refeição. Para casais, a diária custa R\$ 60,00.

Grupos

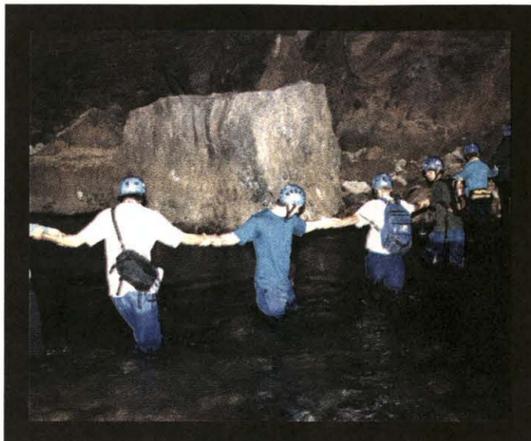
● O Instituto Bicho da Terra (323-2324) leva grupos, com guias de Brasília e da região do parque nacional. Oferece também cursos de monitores de ecoturismo e espeleologia, que inclui quatro dias de aulas práticas em Terra Ronca. E-mail: bichodatterra@hotmail.com. Na internet: www.bichodatterra.com.br

● A Outdoor Techniques (328-2433) leva grupos de cinco a dez pessoas para Terra Ronca. Contatos com o instrutor e guia Álvaro Barros. Ele avisa que são necessários pelo menos três dias livres para se conhecer as partes mais importantes do complexo. E-mail: o.t@uol.com.br.

TERRA RONCA

A AGÊNCIA AMBIENTAL DO GOIÁS ESTÁ FAZENDO UM ESTUDO DE MANEJO PARA DESCOBRIR QUANTOS VISITANTES

Fotos: Paulo de Araújo 29.8.03



A INFRA-ESTRUTURA DO PARQUE É PARA QUEM NÃO TEM FRESCURAS. NO AMBIENTE DE PERIGOS, TREVAS E FASCINAÇÃO, COOPERAÇÃO É QUESTÃO DE SOBREVIVÊNCIA

DITADO TEM VALOR DE LEI

A gruta que dá nome ao parque nacional tem 5.800km de extensão e um desnível de 48m. Uma das maiores aventuras que a caverna oferece é a travessia do rio que corre pelo seu interior. Para cumpri-la, uma lição ao menos é aprendida. Que naquele mundo de treva absoluta e fascinação, todo mundo tem que ajudar todo mundo. De mãos dadas, atravessar o rio é muito mais seguro.

O ditado data do pré-jurássico de tão velho, mas vale a pena repetir, sempre: de cavernas, nada se tira, a não ser fotografias; nada se leva, a não ser lembranças; e nada se deixa, a não ser pegadas. Se o turista não tiver isso como um mantra, melhor nem chegar perto de Terra Ronca.

O ecossistema interno é super-delicado, sensível a qualquer mudança. Cientistas afirmam que até o calor corporal dos seres humanos atinge essa estrutura. Sons e objetos estranhos ali dentro são danosos ao meio ambiente. A atitude tem que ser de absoluto respeito. A voz, baixa. Os movimentos, controlados — jamais corra ou salte no interior de uma gruta. Tudo que for levado para dentro deve ser carregado para fora.

Como nem todos têm essa consciência, há quem defenda que o complexo seja fechado, ou que haja ao menos um controle maior sobre quem entra nele. Renato Tolosa vai mostrando pelo caminho espeleotemas quebrados, alguns, muito provavelmente, a chute. "O trabalho que a natureza leva milhões de anos para produzir pode ser perdido em pou-

cos segundos", filosofa.

A Agência Ambiental do Governo de Goiás está fazendo um estudo de manejo para descobrir quantos visitantes a caverna suporta, sem que o sistema seja atingido. Enquanto isso, o instituto Bicho da Terra, daqui de Brasília, promove cursos de formação de guias. Em geral, jovens interessados em ecologia, ecoturismo, biologia. O enfoque principal é preservação.

Eduardo Segedi, de 17 anos, trabalha como agente de viagens em Brasília e faz o curso para monitor. Mas quer mais. "Quero aprender para poder ensinar como se preserva lugares lindos como este."

O parque de Terra Ronca é tão lindo quanto selvagem. Por isso, riscos são inevitáveis. Para amenizar o perigo é fundamental estar bem assessorado nos quesitos prevenção e segurança. Para qualquer atividade é recomendável o acompanhamento de guias locais e profissionais acostumados a lidar com situações de estresse e perigo iminente. O técnico em segurança Marcos Vasconcelos, instrutor de Emergência e Resgate, dá cursos de capacitação. Formado pelo Safety Council — agência norte-americana que se dedica ao assunto — dá dicas super-básicas para evitar encrencas.

"Para começar, jamais salte em águas que você não conhece. Quando for caminhar, faça isso somente nas trilhas. Acidentes com animais peçonhentos (cobras, por exemplo) são muito comuns quando se sai do caminho já marcado", recomenda. Além disso, ele lembra da importância de carregar sempre bastante água no cantil e de não

esquecer o protetor solar.

Terra Ronca não é feita apenas de belezas minerais. Ela guarda vida em seu interior. São animais que, ao longo dos tempos, foram se adaptando às condições às adversidades de um ambiente de caverna, onde a luz jamais chega.

O bagre-cego, por exemplo. Albino, não tem olhos, simplesmente porque ali eles não teriam função nenhuma. Mas, por outro lado, o peixe desenvolveu uma sensibilidade extra na ponta das antenas (*bigodes*) e nadadeiras. Consegue perceber, com uma incrível facilidade, as vibrações do ambiente. Vive de larvas e organismos levados para dentro da caverna pela corrente do rio.

Outro exemplo impressionante de adaptação é o pseudo-escorpião. Para viver na caverna, o poder mortífero da cauda foi transferido para suas antenas longas, finas e sensíveis. Com elas, tasteia o ambiente, em busca de suas presas, que são completamente paralisadas por um poderoso veneno, antes de virar a refeição do dia. Apesar de mortal para larvas e outros pequenos animais, não é perigoso para o homem.

Como na maior parte das cavernas, morcegos também montam suas colônias em Terra Ronca. Involuntariamente, são eles os responsáveis por levar alimento para dentro da cavidade, que garante a sobrevivência dos animais que não têm acesso ao exterior. Os morcegos, apesar da aparência, não são agressivos. Alimentam-se basicamente de insetos e frutas. Usam a caverna como abrigo durante o dia e ali também man-

têm seus filhotes em segurança.

Infraestrutura turística

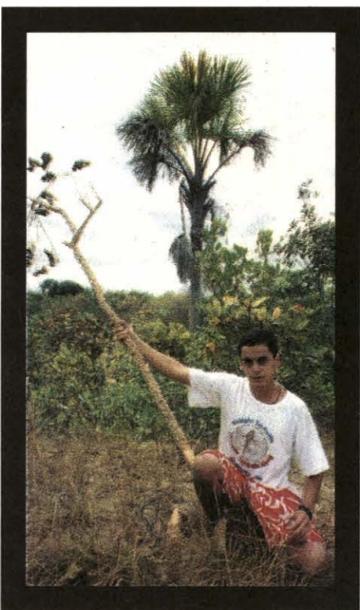
O parque de Terra Ronca não é para quem tem frescuras. As duas pousadas disponíveis e o camping do Ramiro são simples, mas oferecem um serviço honesto.

A Pousada São Mateus é a mais charmosa. Nas cabanas de alvenaria, para até seis pessoas, há chuveiro elétrico e beliches com colchões novos — informações cruciais para quem passa o dia na ralação e precisa dar um bom descanso para o corpo para agüentar o tranco no dia seguinte.

A cozinha, capitaneada por dona Neide, dona do lugar, oferece comida goiana com sotaque paulista — toque dado pelo marido dela, Paulo Tolosa, que nasceu no estado. O menu básico tem carne enopada com mandioca, feijão tropeiro, couve, verduras colhidas na horta própria, um bom café da manhã, com sucos e frutas, pães caseiros maravilhosos.

No Camping do Ramiro, os temperos ficam a cargo da dona Conceição, que cozinha para os que não quiserem acender o fogareiro. Os pratos são menos elaborados, mas nem por isso menos saborosos: galinha caipira goiana tem lugar garantido no cardápio.

Mas há espaço também para o macarrão, feijão, arroz tropeiro e o quibebe (carne cozida com abóbora). Depois de um dia cheio de atividades, o que mais se pode querer da vida??? Tudo bem, quem sabe uma redezinha, fogueira acesa e as estrelas brilhando lá no céu...



NA CAVERNA ANGÉLICA, UMA PARADA OBRIGATÓRIA NO SALÃO DOS ESPELHOS, COM LAGO E ESTALACTITES. RENATO TOLOSA É UM APAIXONADO POR CAVERNAS E PELA NATUREZA

O que levar

O equipamento básico, como capacete, cordas, mosquetões e cadeirinhas são, em geral, oferecidos aos turistas pelas agências contratadas. Ainda assim, providencie:

- ✔ Lanterna
- ✔ Pilhas e lâmpadas extras
- ✔ Mochila pequena e confortável

✔ OBS: Evite levar carbureteiras. Em salões que têm o teto muito baixo, a chama pode danificar os espeleotemas. Ou, no mínimo, seja muito cuidadoso e jamais deixe restos de carbureto no interior da gruta.

- ✔ Repelente e loção para amenizar as reações alérgicas às picadas (after bite).
- ✔ Cantil com água da pousada. Não é aconselhável tomar a água do rio, dentro da

caverna por causa das fezes dos morcegos (guano).

O que vestir

- ✔ Evite usar calças jeans para caminhar dentro da caverna. Como há diversas travessias por dentro do rio, o tecido demora para secar e fica muito pesado. O ideal são roupas feitas de material

sintético como o tadel, que secam rapidamente.

- ✔ Para a volta, que é feita de carro até as pousadas, leve sempre uma muda extra de roupas secas e sandálias ou tênis, bem acondicionados para que não se molhem.
- ✔ Os sapatos devem ser apropriados para trekking ou, no mínimo, tênis confortáveis.

ARES

AS CAVERNAS SUPORTAM, SEM QUE O ECOSISTEMA SEJA ATINGIDO. MAS HÁ QUEM DEFENDA O FECHAMENTO DO COMPLEXO À VISITAÇÃO

ÁGUA, CALCÁRIO E TEMPO

ÁLVARO BARROS

ESPECIAL PARA O CORREIO

A grande maioria das cavernas espalhadas pelo mundo são formadas em rocha calcária, graças à sua propriedade de se dissolver em água ligeiramente ácida. As rochas calcárias foram formadas há milhões (às vezes bilhões) de anos, no fundo de mares que hoje não existem mais. Elas se formaram mediante o acúmulo de sedimentos ricos em carbonato de cálcio e magnésio. Toda rocha que se forma pelo acúmulo de sedimentos, inclusive o calcário, são chamadas de sedimentares.

Com o passar do tempo, o mar regrediu e ficaram os sedimentos petrificados que hoje chamamos de rochas calcárias. A partir daí começou o processo de formação das cavernas que conhecemos

hoje, graças à ação das chuvas e dos movimentos tectônicos que ocorrem em nosso planeta.

Depois da formação do calcário, começou o processo de formação das cavernas. A rocha calcária é dissolvida pelas águas das chuvas e dos rios, e com o passar dos milhares de anos de dissolução dos maciços rochosos, formaram-se os "buracos" que hoje conhecemos como cavernas.

As diversas formações que ornamentam o interior das cavernas são chamados espeleotemas. Suas formas complexas e variadas impressionam pela beleza e delicadeza. O complexo de Terra Ronca é riquíssimo, pela variedade de espeleotemas encontrados.

CRISTAIS DE CALCÁRIO

Enquanto as cavidades cavernícolas são criadas por dissolução da rocha calcária pela água acidulada, os espeleotemas se formam pela recristalização da calcita, que é o principal mineral formador do calcário.

Esta recristalização acontece devido à saturação da água com carbonato de cálcio dissolvido. Quando uma gota dessa água pinga em um teto ou escorre por uma parede, ela deposita minúsculos cristais de calcita que não conseguiram mais ficar diluídos na água. Com o passar dos milhares de anos, os minúsculos cristais vão ganhando forma e se tornam os espeleotemas que hoje conhecemos.

Todo esse processo acontece juntamente com a formação da própria caverna, e geralmente quanto mais velha for a caverna, maior o número de espeleotemas. Não se pode prever com certeza a velocidade de crescimento de um espeleotema, já que a quantidade de água que escorre por ele pode variar no decorrer do ano e de ano para ano.

Entre os espeleotemas mais comuns e que podem ser encontrados em Terra Ronca estão as **ESTALACTITES**. Elas pendem do teto em forma de cones alongados extremamente finos e ocos, também conhecidos como **CANUDOS DE REFRESCO**.

As estalagmites são o resultado do encontro dos gotejamentos com o piso da caverna. Foram cilindros ou cones de calcita que se elevam do chão nos formatos mais variados. A estalagmite mais conhecida é a tipo vela.

As **COLUNAS** ocorrem quando a estalactite junta-se com a estalagmite. As colunas mais ornamentadas por escorrimentos são conhecidas como reposteiros. Em praticamente todas as cavernas podemos encontrar escorrimentos, que são elementos que recobrem as paredes e o chão das cavernas. Formam-se pelo escorrimento de água constante. Quando cintilam parecendo purpurina são chamados "chão de estrelas".

As cortinas surgem das paredes ou das estalactites. Formam-se a partir do escorrimento de gotas sempre em um mesmo lugar. A mais famosa é a tipo bacon, que ganha este nome por ter tons avermelhado, entremeado por outros mais claros.

As represas de travertinos são como "piscinas" dispostas em forma de escada que recobrem o piso das cavernas. Podem ser bem pequenas ou enormes, cabendo várias pessoas dentro.

Mas poucos espeleotemas têm a delicadeza das **HELICTITES**. Elas têm forma retorcida variam de brancas a transparentes. Crescem para todos os lados, inclusive para cima, desafiando a lei da gravidade. A explicação de sua formação está em forças da cristalização da calcita, que nem sempre se direcionam para baixo.

As pérolas de caverna são pequenas bolas de calcita, que geralmente estão juntas em grande quantidade. Nesse caso, formam os ninhos de pérolas. Sua formação é muito complexa e de explicação ainda misteriosa. (A.B.)

